

Rodrigo DE HARO, *Mistério de Santa Catarina ou Livro dos Emblemas de Alexandria,*

Notícia em prosa sobre a vida desta princesa da Cilícia e do Egito, santa, sábia e padroeira, seguida de uma Apologia, vinte e dois poemas e ilustrações, 2ª edição, Florianópolis, 2001, Edit. Athanor, 113 p.

*Pe. Ney Brasil Pereira**

O livro é um encanto, como é encantadora a figura da nossa Santa. Rodrigo, encantado por ela desde a infância, desde que a contemplou no rótulo da água mineral que leva o seu nome – para mim, seu encanto vem do andor triunfal que transportava a sua imagem, cada 25 de novembro, na solene procissão pelas ruas da velha Desterro... – ele começa invocando-a, como fazem os monges do Sinai: *Kiría Ekaterina, vem a nós!*

Segue o relato de sua vida (pp. 15-49), do seu nascimento que a lenda situa na Cilícia, numa casa real, de mãe cristã. Depois, a sua vinda para Alexandria, sua cultura e sabedoria, as suas núpcias místicas, o terror da perseguição de Maxêncio (Eusébio fala em Maximino), as provas a que foi submetida, a disputa com os cinquenta sábios, a ameaça do suplício da roda, a execução final pela espada, seguindo-se o transporte do corpo pelos anjos ao monte Sinai... Tudo, porém, na bela prosa poética de Rodrigo, que transmite ao leitor a magia do próprio encantamento.

Continuando seu panegírico da Santa, Rodrigo relata os passos da descoberta do seu corpo incorrupto na montanha sagrada, a sua inumação no mosteiro construído por Justiniano, a urna de mármore e os relicários que conservam seus despojos... Fala também da chegada de algumas relíquias da Santa à França, a Rouen, no início do século XI, fato que contribuiu para difundir mais ainda o seu culto, já conhecido no Ocidente.

* O recensor é Mestre em Ciências Bíblicas e Professor no ITESC



Segue, na p. 51, a “Apologia”, na qual Rodrigo evoca as várias formas do patrocínio da Santa, que se contrapõe a Lilith e a Cleópatra.. É Catarina que vela pela pureza das águas e pelas bibliotecas e oficinas, e tem lugar proeminente entre os “quatorze santos auxiliares”. Entre seus devotos se encontravam Joana d’Arc e Catarina de Médici, além dos navegadores Cristóvão Colombo e Sebastião Caboto, este, o que deu seu nome à nossa Ilha...

A secção de poemas, entre as pp. 62 e 104, abre com o poema da roda, a “roda de Santa Catarina”:

*Quebras tua roda, Kiría Catarina!
Abriu-se cega algema, que solerte nos prendia...*

Do poema “Fonte”, de amostra, estes versos:

*Ó fonte invisível, manando em qualquer parte,
Sempre do outro lado...*

Do “vão com os Anjos”:

*São três anjos de manhã / pelo silêncio da aurora.
Catarina vai com eles / pelos ares muito leves,
azuis, brancos, vermelhos / no frio da aurora.*

Concluem o livro cinco páginas de Notas, que valem por um glossário dos termos menos conhecidos (p. ex. Sefirots, Hecate, Arcano, Lilith, Basilissa, Iluminuras, Anagrama, Coptas etc), e ainda uma página com a Bibliografia e a Iconografia da Santa. Vê-se que Rodrigo muito pesquisou, muito leu, muito investigou, nas fontes mais diversas. E nos oferece o resultado do seu afã de pesquisador devoto, não tão preocupado com o que, para um teólogo sizado, poderia parecer mistura sincretista, envolvendo “as mandalas gnósticas, os sefirots da árvore da vida, os mistérios da Cabala e o círculo da lua...” (p. 53)

Não por último mencionem-se as abundantes *Ilustrações*, todas do autor, no seu estilo inconfundível, as quais muito contribuem para transmitir ao leitor a aura benfazeja do “Mistério de Santa Catarina”. Que a Santa, “sábua e padroeira”, envolva com a sua proteção o devoto autor e os gratos leitores. Parabéns, Rodrigo!

Endereço do recensor:

ITESC – cx postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC
Email: neybrasi@terra.com.br



SANTOS SARAIVA

A curiosa história do dicionarista e ex-padre – Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva, 1834-1900 – que deu o nome a uma das artérias centrais do bairro do Estreito, em Florianópolis.

*Elmar Joenck**

Tal como “Aurélio”, “Saraiva” é sinônimo de dicionário, do mais famoso e completo dicionário latino-português. No ano 2000, em 03 de julho, decorreram cem anos do falecimento de seu autor. Francisco Rodrigues, o “Santos Saraiva” dos latinistas, “a figura singular de erudito, padre, filósofo, cientista, professor, poeta, polemista, tradutor e exegeta do século XIX”, conforme síntese do Pe. Artur Rabuski¹, donde colhi a maioria dos dados de também esta síntese de memória e homenagem.

Agradeço aos irmãos Osni e Ruth Maria Machado, de São José, SC, informações atuais e cópias de documentos que confirmam ou esclarecem os dados deste artigo.

Filho de um rabino espanhol convertido ao catolicismo, Francisco Rodrigues dos SANTOS SARAIVA nasceu em Portugal. Com o pai agricultor, já se iniciou no hebraico. Em 1850, com 16 anos (!), doutorava-se em Direito e Teologia pela Universidade de Coimbra, já com certa fama de linguista e estudioso de assuntos eclesiásticos. Além de aprofundar-se no Latim e no Grego, foi estudar em Londres o Fenício, o Siríaco e o Árabe, e mais um pouco do Chinês e das línguas nórdicas, além de numismática e paleografia.

Ordenado padre católico (apesar de “iludido nas minhas esperanças espirituais”, escreveu), em 1860 exercia a função de capelão entre os ingleses das minas de Morro Velho, MG. Ali traduziu um livro do francês, sobre Jesus Cristo. De 1862 a 1864 exerceu as funções de vigário em três diferentes localidades do Rio Grande do Sul, tempo em que escreveu, em prosa e verso, em periódicos de Pelotas e Porto Alegre. Nesse tempo elaborou a obra nunca publicada, “Origens do Cristianismo”.

Entre 1865 e 1870 – época da guerra do Paraguai – estive de volta em Portugal, quando, em Lisboa, consultou manuscritos e obras preciosas na Biblioteca

* O Recensor é professor de Latim em Curitiba, Caixa postal 15094, CEP 80531-970

¹ RABUSKI, A., in Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 3ª fase, número 05, pp. 119-157



Nacional. Entrementes, granjeava fama de entendido, de sábio insuperável, em todos os meios intelectuais lisboetas. Foi amigo de Alexandre Herculano. Em parte decepcionado com certas mediocridades intelectuais da sua roda e em parte resabiado com o incenso das louvações que lhe faziam, voltou ao Brasil em 1870. Entretanto, aqui a fama de sua erudição já o precedera: jornais cariocas da época badalavam a honra de o Rio acolher tão ilustre figura – que logo foi convocada a uma primeira de outras audiências com Dom Pedro II – figura de padre estranho e liberal, em conflito com sua consciência e seus bispos, padre logo nomeado Reitor do Colégio Dom Pedro de Alcântara, o famoso “Colégio Pedro II”.

Em contacto com o livreiro e editor Garnier, este convenceu o Pe. Saraiva a elaborar, durante cinco anos, o “*Novíssimo Dicionário Latino-Português*”, que teve sua primeira edição impressa em 1881 pela Tipografia Garnier & Irmãos, de Paris. Contudo, até 1889, desde São José, SC, Pe. Saraiva despachava, pelo correio, páginas e páginas de correções tipográficas dessa obra-prima, a qual parece ter sido a causa principal do estresse que o fez abandonar tudo e todos no Rio, para refugiar-se num sítio, em Picadas do Norte, São José, SC, a partir de 1875. Com o abandono do ministério sacerdotal, sobrevieram-lhe crises financeiras que o levaram a aceitar a ridícula oferta de “oito contos de réis” pelos direitos de propriedade sobre o Dicionário em elaboração, vítima duma trapaça editorial das mais vergonhosas.

Enfim, livre da maioria dos seus livros, que deixara no Rio, e logo também livre da sua “dívida” – a conclusão do seu hoje famoso Dicionário – passou 15 anos quase incógnito, não longe da então chamada Desterro, hoje Florianópolis. Sim, “quase” incógnito, pois publicou um Manifesto explicando por que abandonava a batina e por que preferia isolar-se na roça. De barba longa, chapéu de couro, foi ser lavrador, como outros tantos descendentes de açorianos ou de alemães, “plantando videiras, bananeiras, cana de açúcar, batatas e hortaliças”... “tirando do solo amigo a sua subsistência, com a exportação de bananas, venda do açúcar e do vinho que fabricava, de acordo com a técnica científica então conhecida, bem como da colheita do mel e da cera do seu bem instalado colmeal”, refere o filho, engenheiro Eliézer dos Santos Saraiva².

Em 1887 reapareceu, com artigos, nos jornais do Desterro, a favor da República, das liberdades religiosas, da separação da Igreja do Estado. Em 1888 publicava, no Rio, a obra “A Burla Católica Romana”. Desiludido com as primeiras realidades da República recém-proclamada, deixou de escrever, e vendeu seu sítio,

² SANTOS SARAIVA, E., “O Sábio das Picadas”, in Revista do Inst. Hist. e Geogr. de SC, 1939, pp. 6 e 26.



mudando-se para Pelotas, RS, onde foi professor até 1891. De certo fugindo da Revolução Federalista (dos Maragatos), em maio de 1892 estava em São Paulo, onde passou a lecionar diversas matérias, primeiro na Escola Americana, depois no famoso Colégio Mackenzie, onde seu filho Eliézer se diplomaria como engenheiro. Escreveu e polemizou no Suplemento Literário do “Correio Paulistano” e na revista “O Estandarte”. Em 1898 publicou “Harpa de Israel”, isto é, a tradução dos salmos bíblicos, diretamente do hebraico. Essa tradução era o começo de um projeto maior, não levado avante, o de elaborar uma nova tradução portuguesa de toda a Bíblia, a partir dos originais hebraicos e gregos, já que as duas traduções então correntes apresentavam defeitos: a de Antônio Pereira de Figueiredo, em bom português, mas nem sempre fiel aos textos originais, por simplesmente traduzir o latim da Vulgata de Jerônimo, o qual, segundo Saraiva, teria reproduzido as falhas do grego da Septuaginta; quanto à de João Ferreira de Almeida, mais fiel ao hebraico, “pecava lamentavelmente na vernaculidade”, refere Eliézer.

Santos Saraiva faleceu em São Paulo aos 03 de julho de 1900. Sua esposa Ana Felícia lhe sobreviveu, até 1930. Seu único filho, Eliézer, nascido em 1879 em São José, SC, faleceu em 1944, tendo deixado como precioso legado a já mencionada biografia do pai, intitulada “O Sábio das Picadas”.

Posteriormente, os restos mortais de Saraiva, esposa e filho, foram trasladados para o cemitério São Francisco de Assis em Itacorubi, Florianópolis, para um jazigo onde também está sepultada a esposa de Eliézer, Lígia dos Santos Saraiva, falecida em 04 de junho de 1897, com 78 anos.

Em 1934, a Prefeitura de São José, SC, deu o nome SANTOS SARAIVA à “rua geral” que, atravessando o bairro do Estreito, levava quase até a Ponte Hercílio Luz, o símbolo de Florianópolis. Permanece ainda o nome da rua, como continuação da rua Dib Cherem (do bairro de Capoeiras), como “rua geral” que ladeia o Quartel, cruza as ruas Eurico Gaspar Dutra e Fúlvio Aducci, e vai terminar na Praia do Matadouro, na Baía Norte. Muito pouca gente sabe quem foi esse SANTOS SARAIVA das placas... ou a quem se deve o nome de “Morro do Saraiva”: atrás desse morro, em São José, ficava o retiro de 15 anos que o sábio elogiou traduzindo os poemas bucólicos de Horácio, nas edições de 28 de outubro e de 11, 13 e 18 de novembro de 1888 do “Jornal do Comércio”, na então Desterro, hoje Florianópolis.

Diversas indicações de Eliézer (em “O Sábio das Picadas”) possibilitariam muitos artigos, buscas e pesquisas ou reproduções do que seu pai publicou em todos os lugares onde viveu no Brasil, a começar, por exemplo, com os dados biográfico-literários publicados no “Diário de Notícias” do Rio de Janeiro, em 15 de outubro de 1887.

Discutir a originalidade do “Santos Saraiva”, ou os méritos anteriores ou



maiores de L. QUICHERAT, dificilmente irá alterar o valor do nosso SARAIVA. “Redigido segundo o plano de L. Quicherat”, lê-se no frontispício de todas as edições. No “Sábio das Picadas”, p. 22, Eliézer escreve que a obra foi “decalcada segundo o plano do lexicógrafo francês L. Quicherat, abrangendo os aspectos etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico e biográfico”. Não conheço o dicionário latino desse francês. Mas mesmo que simplesmente o tivesse traduzido, o mérito do Pe. Saraiva continua o mesmo: o de ter-nos legado o até hoje **melhor e mais completo** dicionário latino-português que possuímos. Louve-se, pois, para sempre, este “granizo”, esta “chuva de pedras” preciosas de vida latina, o “Saraiva” compulsado por um século de latinistas, esta lusitana luz que ilumina os textos clássicos do Latim imortal em nosso país.

Nesse “Novíssimo Dicionário Latino-Português”, em tipos miúdos, em cada uma de suas 1297 páginas, desfilam três colunas de verbetes, num volume de 18 x 27 cm de formato. Em janeiro de 2000, ainda folheei, numa livraria de Curitiba, a décima edição (1993) desse mais que centenário SARAIVA, uma edição facsimilada da 9ª que tenho em casa, feita em Paris, em 1927³. Quem não conseguir “nas boas livrarias”, ligue para 31.212.4600, Belo Horizonte.

³ Nota do Redator: Dessa edição também a biblioteca do ITESC tem um exemplar, recebido do acervo do Seminário de Azambuja.

**QUEIRUGA, Andrés Torres**

(Trad. Maria Luísa Garcia Prada), *Repensar a Cristologia – Sondagens para um novo Paradigma*, Ed. Paulinas, SP, 1999, 369 pp.

Edson Adolfo Deretti *

O Autor é o filósofo e teólogo Andrés Torres QUEIRUGA, atualmente professor de filosofia da religião na Faculdade de Filosofia de Santiago de Compostela, Espanha e dirigente da revista *Encrucillada - Revista Galega de Pensamento Cristián*. Doutor em filosofia pela Universidade de Santiago e em teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, editou esta obra, em espanhol, em 1996, pelo Editorial Verbo Divino (Navarra) e, em português, em 1999, pelas Edições Paulinas, em tradução de Maria Luísa Garcia PRADA.

Com este livro, o Autor deseja repensar a Cristologia, sem reduzir nem o mistério nem a tradição. Então, pensar “[...] remete ao trabalho de conceito, à rigorosa tarefa de analisar as implicações, esclarecer o contexto e buscar a significatividade não apenas efetiva, mas também [...] afetiva” (p. 9). Por isso, há a consciência de sempre estar-se indo além: re-pensar em situação. E é um repensar a Cristologia, algo que lhe exigiu muito, em princípio, porque não se intitula “cristólogo de profissão”, apenas de paixão e confissão. Todavia, repensou Jesus de Nazaré para a pessoa moderna (ou pós-moderna), a partir de categorias de seu entendimento, mostrando o quanto este homem divino está próximo do nosso tempo. Ao sugerir o subtítulo “sondagens para um novo paradigma”, o teólogo reconhece ter entrado num novo paradigma cristológico, o que indica uma virada no conjunto do pensamento tradicional. Mesmo assim, a sua obra não tem a pretensão de ser um tratado. Antes, tudo o que é apresentado, é o resultado de confrontações particulares, de palestras, advindas da preocupação pela busca da “[...] inteligibilidade efetiva, acima da fórmula transmitida, procurando fundamentar responsabilidade intelectual e maioria eclesial” (p. 11). Em suma, QUEIRUGA tem o sonho de, a partir de uma Cristologia “de baixo”, apresentar Jesus de Nazaré, o Cristo, como um homem, semelhante aos seus, mas que, por ter sido tão humano, chamou a atenção do seu tempo, atraiu discípulos que, depois da sua morte, descobriram-no ressuscitado, e aí entenderam o quanto ele era divino: Jesus de Nazaré, o ressuscitado, filho de Deus. Isso, o autor tenta nos dizer com fé, através de palavras do nosso tempo. E aí está a grande dificuldade!

A obra é densa, e consta de nove capítulos. No primeiro, intitulado “Deus para o homem e o homem para Deus”, QUEIRUGA exprime, em seu pensamento

* O Recensor é aluno do 2º ano de graduação em Teologia, no ITESC



crisológico, através de uma linguagem desiderativa (p. 17), o que mais o impressiona em Jesus Cristo: a sua existência, simples e ordinariamente humana, na qual transparece Deus. Por isto, os seus contemporâneos não O reconheceram, pois era simples demais, humano demais. Nisto reside, ainda hoje, a nossa dificuldade em reconhecê-Lo como o Cristo.

Entretanto, em Jesus, Deus nos oferece a humanidade mais humana e, se quisermos estar próximos d'Ele, o caminho é a pobreza: "*Cristo é tão pobre – com tal pureza, tal coerência, tal fidelidade – que só pode ser Deus*" (p. 18). A partir deste ponto, é possível aproximar-se d'Ele e encontrar respostas para todas as nossas interrogações existenciais. Porque Ele é "A Resposta" de Deus, a Boa Nova, e n'Ele há a confluência de Deus para o homem e do homem para Deus. Do mistério da divindade, Ele, o Cristo, é a prova vivente¹. Triste é que poucos creiam nisso. Mas, há sinais de esperança, pois ainda há os que tentam encontrá-Lo e segui-Lo (p. 23).

No segundo capítulo, "Cristo, 'proletário absoluto'", o teólogo nos mostra que a universalidade pelo sofrimento nos aproxima do tema da universalidade de Cristo, que se realizará, em plenitude absoluta, no *éskhaton*. Contudo, de modo "proléptico" (p. 27) já há uma realização dessa plenitude no Jesus terreno, pois Ele viveu onticamente antes da Páscoa o que se expressou ontologicamente depois dela. Por isso, evocando a figura do servo do Senhor (p. 28), influenciado pela terminologia marxista, QUEIRUGA afirma que Jesus, o servo, despojado até da figura humana, é o Salvador universal, o "proletário absoluto", divino em forma de servo, e que, por isso, aberto a toda universalidade, é o salvador de todos (p. 29).

Junto com santo Ireneu (p. 30), Queiruga nos lembra que Jesus nos redimiui porque tudo o que Ele vive e n'Ele acontece serve para todos: sua individualidade (humanidade plena e autêntica) transforma a condição humana universal e, se por acaso lhe faltasse algo, algo em nós não ficaria redimido². Assim, assumiu,

¹ Só e somente só a sua presença viva convence:

Quando nos surpreendemos de que pela boca de um jovem como Jesus saiam verdades de uma sabedoria tão profunda que parecem lançar raízes em séculos de experiência; quando nos maravilhados diante do espontâneo e naturalíssimo equilíbrio deste tremendo revolucionário; quando percebemos de longe o significado de ter colocado o servir na frente do poder, como eixo da relação social, ou ter apontado o amor como o verdadeiro cumprimento e a única verdadeira eficácia; quando vemos que seu realismo diante da inevitabilidade da miséria e do sofrimento em nada impede seu total idealismo até o sangue..., então alguma coisa dentro de nós garante que nos encontramos diante do núcleo do mistério, que nesse homem a força e o amor de Deus habitam entre nós, que nossa existência está resguardada, que a vida tem um norte e a esperança um sentido (idem, p. 22).

² Por exemplo: se Jesus fosse assexuado, nossa sexualidade não estaria redimida; se não tivesse vivido o "ser temporal", não poderíamos integrar a "angústia da temporalidade" (Heidegger); se não tivesse morrido, não poderíamos converter a morte em ato com sentido.



integralmente, a negatividade da dor e da pobreza, não por casualidade, mas por coerência ao seu ser e missão e, do lado dos pobres, proclamou o Reino (p.31). Indo até à cruz, total negatividade da existência, constituiu-se o “proletário absoluto”, cabeça universal dos humilhados e ofendidos, não por castigo de Deus, mas por amor aos seus, a fim, de chegar a todos (p. 32). E à Igreja Ele entregou essa universalidade, para que ela faça a mesma coisa que Ele fez: descer até as profundezas do humano e ressuscitar, fazendo tremer todo o edifício da alienação em que se objetiva o pecado do mundo (p. 34).

Na seqüência, Queiruga comenta o caso Hans KÜNG, que tanta celeuma tem provocado (p. 45). A seu ver, a obra de Küng tem seus reais méritos, pois ele é um sintetizador extraordinário, que procura colocar ao alcance de todos uma teologia séria, mesmo oficialmente não ortodoxa (p. 52)

Quanto ao projeto cristológico de Edward SCHILLEBEECKX, Queiruga vê nele uma tentativa preciosa, respondendo às necessidades de uma teologia da atualidade, a partir da recuperação da experiência original do cristianismo (p. 60). Para Schillebeeckx, existe uma tensão entre Jesus de Nazaré e o Novo Testamento, uma vez que neste encontramos a afirmação religiosa da comunidade cristã, com seus condicionamentos, a respeito de Jesus (p. 72). Assim, não se pode encontrar um “Jesus em estado puro”, mas apenas o “Cristo da fé”, interpretado pelas várias comunidades. É preciso, pois, buscar o que está por trás dos evangelhos, com o auxílio não de teólogos, mas de exegetas (p. 77), mostrando a verossimilhança humana de Jesus (vida, doutrina, obras, morte e ressurreição), aberta ao mistério e à transcendência, explícita ou implícita nas entrelinhas do Novo Testamento.

“Recuperado” o “Jesus histórico”, Schillebeeckx parte da universalidade da salvação em Cristo (p. 104), para desembocar na afirmação de estar este projeto em aberto (p. 125). Todavia, antes desta afirmação final, o teólogo discorre sobre a presença de Deus na história (p. 111) e em Jesus (p. 113), identicamente o Filho de Deus [(“identificação hipostática), (p. 120)], a partir do qual se entende a Trindade.

Na sua última obra cristológica (o terceiro volume), com uma tremenda honestidade intelectual (p. 149), o teólogo holandês afirma a limitação de sua pesquisa e reconhece a impossibilidade do equilíbrio diante da riqueza do mistério (p.150).

No quinto capítulo, “Recuperar hoje a experiência da ressurreição”, Queiruga afirma ele que, se queremos que a ressurreição deixe de ser letra morta, ela terá que ser compreendida “desde baixo” (p. 154), o que não exclui a penetração teórica. Esta, sim, passada para a nossa vida, ajudar-nos-á a refazer a experiência do Ressuscitado, que remonta ao duro aprendizado das Escrituras (p. 154), e à introdução na realidade da vida e da fé (p. 157).

Entretanto, uma vez que nossa experiência da ressurreição tem lugar na modernidade [(ou pós-modernidade), (p. 158)], há que se encontrar um bom princípio ordenador para responder a três perguntas: O que posso saber? O que devo fazer? O que me é dado esperar? (p. 159).

Em uma resposta única às três perguntas, a ressurreição, acessível em nossa história, porque é algo real para nós, valida a nossa ação humana, comprometida com a esperança do pobre e da transformação da história, a fim de se ter uma “esperança transcendental” (p. 166) na ressurreição universal de todos. Com isso, encontramos-nos no centro da experiência da fé (p. 167), que pressupõe uma opção cristã que reconheça a possibilidade de outras opções (p. 168); a sensibilidade para a diferença entre fé e a teologia (p. 169); a sobriedade e abertura (p. 170); e, por fim, a paciência da espera (p. 171).

A estas alturas já se pode apresentar “Jesus, homem verdadeiro”. Assim, no sexto capítulo, QUEIRUGA desenvolve o tema da humanidade de Jesus, redescoberto, principalmente, pela cristologia do século XX (p. 174). Jesus, como um homem do seu tempo, judeu (p. 175), piedoso (p. 176), inserido na história (p. 177), finito e limitado (p. 178). Por sinal, um tema muito complexo e difícil, dada toda a teologia tradicional que muito pouco ou praticamente nada afirmou sobre tais verdades (p. 182). Todavia, foram os próprios evangelistas (p. 196) que assim o apresentaram e, dado isso, essa abertura atual a tal tema nos faz voltar às fontes do cristianismo, pois não há outro caminho para aceder ao mistério (pp. 205-6).

“A cristologia depois do Vaticano II” é o tema de análise do sétimo capítulo. Neste, a ênfase, com certeza, está na humanidade de Cristo. Entretanto, não é uma cristologia pronta, mas em formação – *Christology in the making* (p. 248). Mesmo assim, é uma produção cristológica belíssima, a mais profunda e perfeita de toda a história da teologia. E o grande passo foi o pulo da cristologia metafísica à histórica (p. 208). Assim, surgiram “diversas cristologias”, que com suas dificuldades nos questionam hodiernamente. Todavia, todas elas podem ser agrupadas em (p. 228): cristologia “vertical” (“a partir de cima” ou “a partir de baixo”) ou cristologia “horizontal” (a que articula os diversos contextos nos quais a sua compreensão se realiza).

Apesar dessa diversidade, QUEIRUGA enumera quatro linhas comuns entre elas: 1) a não concorrência entre a divindade e a humanidade de Jesus (p. 234); 2) o centro de gravidade da vida de Jesus está na sua relação com o Pai (p. 235); 3) o interesse soteriológico (p. 238); 4) a constatação de que nunca existiu uma “cristologia em estado puro” (p. 239).

Há, então, uma fluidez de linhas de pensamento, o que é positivo, pois prova que o diálogo é vivo e pode-se viver no conflito das interpretações, sem anátemas (p. 247).

Por fim, os dois últimos capítulos procuram aproximar o homem moderno



do Cristo, o Jesus de Nazaré. O oitavo trata sobre “a significatividade de Cristo para o homem de hoje”. Fazendo isto, o autor se propõe a um grande desafio, porque em Cristo se concentram todos os raios da observação teológica (p. 253). Apesar disso, não renuncia à tarefa, e com muita humildade teológica (p. 254), desenvolve o seu pensamento a partir da virada do mundo moderno, que pregou o fim do mundo mítico (p. 262) e propôs uma nova hermenêutica: a crítico-histórica, de uma cristologia “a partir de baixo”. E justifica: “[...] *não existe para nós e para nosso tempo outra cristologia verdadeiramente real e significativa do que aquela que conseguimos elaborar a partir dos pressupostos atuais*” (idem, p. 269).

Construindo, assim, uma cristologia que parte da nossa experiência (que, antes de ser formulada, foi praticada pela consciência eclesial), Queiruga volta-se ao Jesus histórico pelo retorno à Escritura e à Tradição (p. 273), sem dispensar o auxílio da filosofia, das ciências humanas (p. 275) e da literatura (p. 276). A partir disso, chega à significatividade e seguimento atual de Jesus, o Cristo (p. 277), verdadeiro Deus e verdadeiro homem, o ressuscitado, presente em nossa vida, implícita ou explicitamente, já que “[...] *se ama e se conhece Cristo quando, mesmo sem explicitá-lo, se ama e se conhece ‘absolutamente’ o irmão*” (segundo RAHNER, cf. p. 289).

Tudo isso desemboca no capítulo nono: “Confessar Jesus Cristo hoje”. Nesta última parte de sua obra, o teólogo, com base numa cristologia a partir “de baixo”, procura confessar, com conceitos e palavras atuais, quem é Jesus Cristo.

À primeira vista, a tentação é negar suas considerações, pois estas partem de um novo paradigma, que coloca Jesus em proximidade a nós, demasiadamente humano, humano como nós e, neste sentido, também com limitações (p. 310). Assim, busca afastar o “mito crístico” tão presente na cristologia tradicional (p. 296), trazendo Jesus “ao nosso chão”. Para muitos, isso seria acabar com a divindade de Jesus. Mas, seguindo o pensamento de QUEIRUGA, é o contrário que acontece.

O processo tem início pela busca da realidade humana de Jesus (p. 305). Esta está presente já nos Evangelhos, mas com categorias e conceitos com significados diferentes dos que compreendemos hoje, pois os contextos são diferentes (p. 319).

Por conseguinte, a busca é pela autêntica humanidade de Jesus, um judeu, galileu, influenciado pelos fatores biológicos, históricos, culturais, sociais, religiosos... do seu tempo. Ele, semelhante a outros que também foram chamados “filhos de Deus”, foi intitulado “o Filho de Deus”. Em que sentido? Eis a pesquisa a ser feita!

Partindo da sociologia e da antropologia social e cultural (p. 317), que não vêem Jesus como um isolado do seu tempo, mas como alguém situado, discípulo de João Batista por algum tempo (p. 317), talvez até um filósofo cínico, pode-se responder melhor à pergunta: “Quem é Jesus?”. A resposta que encontramos é



“[...] um Jesus que provavelmente nos deixaria tão incomodado que não o suportaríamos” (idem, p. 326), porque acabamos concebendo-o a partir de critérios pessoais e atuais, e aí fica difícil concebê-lo como realmente é. Contudo, para confessar Jesus como o Cristo, é preciso repetir o caminho dos apóstolos (p. 333), que viram nele uma pessoa autêntica, com um ensinamento e prática novos. É a compreensão a partir “de baixo”, que procura fazer a mesma leitura que os primeiros discípulos fizeram, porém, compreensível para o momento presente, através da recuperação da verdade primigênia (p. 347): Jesus é o Cristo. Mas isso é preciso dizer à nossa maneira! (p. 348), conhecendo o que expressões como “filho de Deus”, “divino” e “deus” significavam naquele contexto.

É uma tarefa árdua, mas muitos já estão a caminho, pois sabem que Jesus é o Senhor, tão humano que só poderia ser Deus, o ressuscitado, o recapitulador de toda a criação.

Com base nesta panorâmica, vê-se que os paradigmas tradicionais, diante deste repensar, entram em crise, e no ar acaba pairando um grande clima de insegurança. Diante de uma obra tão questionadora, as dúvidas que surgem são muitas. A primeira impressão é que toda a nossa catequese vai “por água abaixo”, já que nesta o Jesus apresentado é a partir “de cima”, todo-poderoso, capaz de todas as coisas ao menor estalar de dedos. Como não é este o Jesus da fé de QUEIRUGA, a partir desta obra, abre-se um novo caminho para a fé cristã. O conteúdo é profundo e, em algumas partes, de difícil assimilação (por exemplo, o quarto capítulo). Por isso, é necessário o aprofundamento do tema, pois depois de séculos acreditando-se num paradigma, ao surgir um novo, é preciso “re-levantar um pilar sólido, para não deixar o edifício ruir”.

De qualquer forma, a obra é acessível, clara, e de grande profundidade teológica. Ressalta-se mais uma vez a pertinência desta Cristologia, as idéias desenvolvidas e o novo paradigma apresentado. Com certeza, a reflexão está apenas no seu início, e já há indícios de que este desafio se desenvolverá muito mais, uma vez que na era da velocidade e do desenvolvimento das ciências, acompanhamos todas essas evoluções e nos transformamos juntos. Se alguma coisa “ficar estacionada”, tenderá a ser rejeitada. A revelação já se nos apresentou em plenitude, mas ainda não a compreendemos totalmente. Mesmo sabendo que não chegaremos aqui a essa plenitude, temos ciência de que caminhamos nesse rumo, na direção de um maior (não total) conhecimento de Deus e do seu Ungido. Esse maior conhecimento torna viável a profissão e a vivência da fé n’Ele. Eis o grande desafio!

Endereço do Recensor:

ITESC – cx postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC

**PEREIRA, Moacir.*****Santa Catarina, Padroeira. Tesouros no Sinai.***

Edit. Insular, Florianópolis, 2002, 102 p., 20 x 22cm., il.

*Pe. Ney Brasil Pereira**

Livro escrito com o coração e impresso com requinte, eis o impacto espontâneo que causa ao leitor o novo livro de Moacir Pereira (MP). Desta vez, não sobre política e comunicação – seus temas favoritos – mas sobre a Santa que deu origem ao nome do nosso Estado. A Santa, e o local sagrado onde sua memória se conserva viva através dos séculos, o Mosteiro de Santa Catarina no Sinai. A Santa, cujo ícone esplêndido exorna a capa do livro, mas cuja biografia é tão pouco conhecida e divulgada, mesmo entre os catarinenses. Foi para suprir essa deficiência ou, como diz o Autor na p. 15, para responder à “carência da democratização da informação sobre a Padroeira do Estado”, que ele escreveu o livro: “uma obra despretensiosa, um *instant book* que tem por objetivo socializar as informações sobre a missão catarinense no Sinai (em maio de 2002), e motivar os leitores sobre o Mosteiro e as magníficas histórias e lendas da Padroeira do Estado” (p.20).

O livro se abre com o prefácio de Rodrigo de Haro (pp. 13-14), conhecido devoto da Santa, artista e literato, autor, também ele, de um livro sobre a nossa Padroeira, com o sugestivo título *Mistério de Santa Catarina*¹. Segue a “Motivação espiritual” (pp. 15-20), em que MP descreve a gênese do seu livro, as motivações que o levaram à pesquisa sobre a Santa e sobre o Mosteiro do Sinai, e o desejo de socializar a sua experiência.

Nas pp. 21-25, MP descreve a conjunção de fatores que levaram à idéia de uma “missão catarinense” ao Sinai, em maio de 2002, pouco antes da canonização de Madre Paulina em Roma. Seguem as “Primeiras revelações” (pp. 27-31), reproduzindo o depoimento da Professora Vaiani Pisani, que havia visitado o Mosteiro em 1996.

O miolo do livro (pp. 33-48) é um verdadeiro album de fotografias do Mosteiro e de suas preciosidades, incluídos detalhes da visita da “missão catarinense” e, ainda, fotos do Mural de Rodrigo de Haro e da Capela Ecumênica de Santa Catarina em Florianópolis. Algumas das fotos, não sei se por causa do papel, não ficaram nítidas. A propósito, o livro contém ainda quatro outras gravuras, desenhos em

*O recensor é Mestre em Ciências Bíblicas e Professor no ITESC.

¹ DE HARO, Rodrigo, *Mistério de Santa Catarina* ou *Livro dos Emblemas de Alexandria*. Notícia em prosa sobre a vida desta princesa da Cilícia e do Egito, santa, sábia e padroeira, seguida de uma Apologia, vinte e dois poemas e ilustrações, 2ª edição, Florianópolis, 2001, Edit. Athanor, 113 p.



branco e preto (pp. 12, 27, 60 e 109), muito belas, presumivelmente do século XIX, infelizmente sem identificação do autor.

Seguem as “notas históricas” sobre a Santa (pp. 49-59), a partir da narrativa de Jacobus de Voragine, traduzida pelo pesquisador inglês William (não *Willian*) Ryan e publicada pela Universidade de Princeton (não *Princepton*), no site www.santacatarina.com.br. MP não discute a questão da historicidade dessas informações – distinguindo o que, nelas, é histórico, e o que é lendário – assunto que abordo no meu livro recente *Santa Catarina de Alexandria*².

Nas pp. 61-62, MP discute as origens do nome do nosso Estado, designação atribuída ao navegador italiano Sebastião Caboto, em 1526. Em sequência vem a descrição das “Maravilhas do Sinai” (pp. 63-72) e as impressões indelévels da visita ao milenar “Mosteiro de Santa Catarina”, construído por Justiniano no século VI e ininterruptamente ocupado pelos monges ortodoxos até hoje (pp. 73-81).

Conclui o livro, além dos “Anexos” (pp. 105-108: Oração e Hinos), uma série de preciosas entrevistas, a começar pela de Rodrigo de Haro (pp. 83-89), seguindo-se a do Embaixador Celso Souza (pp. 9-92) e a do Mons. Angelos Kontaxis (pp. 93-97). Ainda, nas pp. 99-102, registram-se os passos dados para a vinda de uma relíquia da Padroeira a Florianópolis.

Quanto ao texto como tal, anotei algumas falhas de revisão, falhas que normalmente ocorrem em qualquer livro, além de uma ou outra informação questionável. Assim, na p. 13, col. esq., o substantivo *testemunha*, que é feminino, saiu com artigo masculino. Na p. 16, col. dir., leia-se “Igreja *cristã* ao lado da mesquita...” (não “Igreja *católica*”). Na p. 19, col. dir., “Selêucidas” saiu duas vezes indevidamente com “c”: “celêucidas”. Na p. 21, col. esq., faltou a preposição na frase: “a inclusão, no roteiro da viagem à Europa, *de* dois compromissos”. Na p. 23, col. dir.: “Foram informados”, não “informadas”. Na p. 24, col. dir., “consideram *o* tráfego, não “um tráfego”. Na p. 28, col. esq., em vez de “e com quem”, leia-se “e com eles”; na mesma p. 28, col. dir., em baixo, inserir o verbo: “*estava* a proximidade”...

Na p. 29, col. esq., não se entende como “encher muitos frascos com os seus pedaços perfumados”: são as relíquias? os ossos? em frascos? Na mesma p. 29, col. dir., o século de Justiniano é o VI, não o VII. Ainda na p. 29, col. dir., há uma confusão: o monte de Moisés, *Gebel Musa*, é um, diferente do monte de Santa Catarina, *Gebel Katarin*, que é outro. Na p. 30, col. esq., se diz que o mosteiro está

² PEREIRA, Ney Brasil, *Santa Catarina de Alexandria, Padroeira da Arquidiocese de Florianópolis, da Ilha e do Estado de Santa Catarina*, IOESC, Florianópolis, 2002, 21 x 15cm., 52 p.



localizado “na cidade” de Santa Catarina, o que é um equívoco: o mosteiro está isolado, embora talvez no âmbito do “distrito”, ou “território” de “Santa Catarina” (?).

Na p. 43, na legenda do mosaico da Transfiguração, houve problemas de tradução: os três “discípulos” aparecem como “alunos”, por duas vezes, e Tiago aparece como *Giacomo*, a forma italiana desse nome. Na p. 49, col. dir., há uma crase indevida diante de “estudos profundos”. Na p. 50, col. esq., como também na p. 51, também col. esq., aparecem os nomes “leste” e “oeste” em vez de “oriente” e “ocidente”. Na p. 50, col. dir., deve ser: “Reagiu *em defesa* dos irmãos”, não “contra” eles. Na mesma página e coluna, leia-se “William”, não *Willian* (também na p. 51, col. dir., em baixo) e “Princeton”, não *Princepton*.

Na p. 54, col. esq., leia-se “aqueles *dias*” e não, é claro, “aqueles *dia*”. Logo a seguir, na mesma p. e col., há mistura de “tu” com “você”: “Ó filha, *reconheça* (não “reconhece”) o seu Criador, em cujo nome você... Seja perseverante, pois estou *com você* (não “contigo”). Na p. 55, col. esq., em vez de “criada de Cristo”, melhor: a *serva* de Cristo. Na mesma p. 55, col. dir., após “qualquer necessidade” coloque-se uma vírgula em vez do ponto, seguindo-se o verbo “receba” com letra minúscula. Na p. 56, col. esq., leia-se “em socorro *daqueles*” ou, “daqueles e daquelas”, não só “daquelas”. Na mesma p. 56, col. dir., leia-se “peço-vos que *vos alegreis*”, e não “que alegrai-vos”... Na p. 57, col. dir., leia-se “possuía *exímio* conhecimento” e não “*no seu* conhecimento”. Na p. 58, col. dir., o verbo “colocasse” deve vir no plural, “colocassem”, por causa do seu sujeito; na mesma p. e col., onde se fala da “juventude, *que se tende à...*”, omita-se o pronome: “que tende à licenciosidade”.

Na p. 61, col. esq., MP alude a uma polêmica, nos fins da década de 60, “em torno da Santa que teria dado origem ao nome..” A “polêmica”, que não chegou a tomar vulto, foi num outro sentido: foi se deveríamos pedir à Santa Sé o patrocínio de outra Santa Catarina, mais “documentada” que a de Alexandria... Nesse caso, a candidata seria Catarina de Siena, a Santa italiana do século XIV, cuja vida é fartamente documentada, e que foi declarada “doutora da Igreja” em 1971.

Na p. 63, col. esq., a irradiação do Sinai vem com a cifra modesta de “mais de um bilhão” de seres humanos. Penso que, contando-se todos os cristãos – católicos, protestantes e ortodoxos – e acrescentando-se ainda os muçulmanos, que no Alcorão também reverenciam a revelação a Moisés no Sinai, a cifra passa bem de “três bilhões”. Quanto à aparência da área do Sinai com a da Irlanda, a frase deveria ser retificada: “É uma área parecida, *em tamanho*, com a da Irlanda”.

Na p. 65, col. esq., onde se lê “há três *séculos*” leia-se: “há três *milênios*”. Na p. 70, col. esq., novamente se diz que o Mosteiro fica localizado “na vila” de



Santa Catarina, da qual logo se diz que é “um Protetorado”. Como já observei acima, sobre a p. 30, a informação deveria ser melhor formulada, porque o Mosteiro não fica nem “na vila”, nem “na cidade”, pois está, evidentemente, isolado. Na p. 69, col. dir., a permanência dos israelenses no Sinai durou *dezesseis*, não *seis* longos anos. Na p. 72, col. esq., falta o pronome, no verbo “saciar-se”.

Na p. 73, col. dir., a palavra “monaquismo” aparece, indevidamente, como “monaqueísmo”. O mesmo equívoco retorna, duas vezes, na p. 74, col. dir. Ainda na p. 73, col. dir., em vez de “persecuções” leia-se “perseguições”; e, em vez de “Do século III” leia-se “Desde o século III”. Na p. 74, col. esq., o século da conquista árabe foi o VII, não o V; e a referência aos habitantes do Sinai devia ter o verbo no plural: “*tinham-se* tornado cristãos”, não “*tinha-se*”. Na mesma p. 74, col. dir., a “imperatriz Helena” saiu como “imperadora”... Na p. 75, col. esq., em vez de “Kirie Leisson”, leia-se “Kyrie Eleisson”. Na mesma p. 75, col. dir., leia-se “naquele ambiente”, e não “naquela”. Ainda na mesma p. e col., o nome de Tiago vem como “Giacomo”, como já observei na p. 43.

Na p. 76, col. esq., as portas do nártex da Basílica foram talhadas, naturalmente, “pelos cruzados”, não “*pelas cruzadas*”. Ainda na mesma p. e col., retificar a frase dos “três monges”: “um deles com um turíbulo de bronze”... e não *com um deles turíbulo de..* Na p. 77, col. esq., o texto do livro do Êxodo deveria ser identificado: *Ex 3,1-6*. Na p. 78, col. esq., retificar a referência ao exemplar da *Ilíada*, de Homero: é um exemplar *muito antigo* mas, evidentemente, não “original”. Na mesma p. 78, col. dir., “concessão *de* um Estatuto”, não “*da*” um Estatuto. Na mesma p. e col., ao falar do século XVII, em vez de: “no Mosteiro desenvolvia”, leia-se “o Mosteiro desenvolvia...” Ainda na mesma p. e col., a antiguidade da obra é lembrada com seus “séculos”, não apenas “anos” de existência.

Na p. 79, col. esq., na informação “podem ainda ser vistas umas sessenta *celas*”, falta esse substantivo. Pouco mais adiante fala-se da “galeria *das* ícones”, mas deve ser “*dos* ícones” (ícone é masculino). Na mesma p. 79, col. dir., o nome do códice surripiado por Tischendorff é *Sinaíticus*, não *Sinaticus*. Na p. 80, col. esq., em vez de “descoberta *da* impressão” leia-se: “*da* imprensa”. Na p. 81, col. dir., em vez de “a maioria dos monges que *vieram* ali” leia-se: “que *viveram* ali”.

Na p. 84, col. esq., em vez de “Telefonava-me indagando” leia-se “Telefonavam-me...” Na p. 86, col. dir., em vez de “como *na da* Igreja Bizantina e *na da* Igreja de Roma” leia-se “como *na* Igreja... e *na* Igreja...” Na p. 87, col. esq., em vez de “porque *se tratam* de livros iluminados” leia-se “porque *se trata*...” E a seguir: “pois *pertencem*...” em vez de “pois *pertence*”. Na mesma p. 87, col. dir., leia-se “a grande Mandala”, feminino, não “o grande”...



E a epígrafe mencionada, na mesma p., é também do filme “Song of Bernadette”, além do filme citado. Na p. 88, col. dir., as “operações malsãs” são da *necromancia*, não da “micromancia”

Na p. 91, col. dir., a expansão dos árabes pela Europa, a começar da península ibérica, é de inícios do século VIII, não do século VII. Na mesma p. e col. leia-se “o descompasso... não venha a se transformar”, em vez de “não venham..” Na p. 94, col. esq., não está correta a informação de que o Mosteiro foi construído “quando o Imperador soube que fora encontrado o corpo da Santa”: o Mosteiro foi construído no século VI, e o encontro do corpo acontece dois séculos depois. Na p. 95, col. esq., a estatística de 90% refere-se, naturalmente, não aos “ortodoxos” em geral, mas aos padres ortodoxos. Na p. 100, col. dir., há um equívoco na informação “ao lado do mar *Morto*”: trata-se, evidentemente, do mar *Vermelho*, que separa o Sinai do Egito. Logo a seguir, falta um “s” no sujeito da frase: *As estradas...*

Na p. 105, col. esq., em vez de “a cujo exemplo inspirou a tantas...” leia-se: *e cujo exemplo inspirou tantas...* Na mesma p., col. dir., em vez de “o *nosso* padroado” leia-se: o *vosso* padroado. E mais adiante, em vez de “governantes e *governadores*” leia-se “governantes e *governados*”. E ainda: “à vossa intercessão” (com crase). Na p. 107, o Hino “de Santa Catarina” deveria ser epigrafado, melhor: Hino *do Estado* de Santa Catarina. Na p. 108, o “Hino da Arquidiocese” seria mais propriamente o Hino da Santa, porque todo dirigido a ela. No texto, o estribilho saiu sempre (quatro vezes) com o verbo na 2ª pessoa plural, *morrestes*, quando devia ser no singular: *morreste*. E na terceira estrofe falta a crase: “suplicando à Padroeira”, não “a Padroeira”. No caso de uma reedição, que certamente acontecerá, seria bom levar em conta estas observações, que poderão ser completadas por outros atentos leitores.

Concluindo, penso que o livro corresponde plenamente à intenção do autor, que pretendeu – e conseguiu – contribuir para tornar mais conhecida nossa Padroeira e, com ela, o Mosteiro, o local sagrado em que se encontra seu túmulo, aos pés da montanha do Sinai. Com a obra anterior de Rodrigo de Haro, reimpressa em 2001, e o meu opúsculo sobre a Santa, de 2002, ambos já citados, penso que este livro, como já disse, “escrito com o coração e impresso com requinte”, veio em boa hora preencher a lacuna que tantos de nós, catarinenses, deplorávamos. Agora, não mais. “Santa Catarina, Padroeira” aí está, para nos informar e nos estimular.

Endereço do Recensor:

ITESC – caixa postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC
email: neybrasi@terra.com.br